

A música no ensino da História

Isaura Maria Vasconcelos Carvalho

Relatório de Mestrado no Ensino da História e da Geografia no

3º ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário

setembro, 2015

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ensino da História e da Geografia no 3º Ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário realizado sob a orientação científica da Professora Doutora Raquel Pereira Henriques e supervisão da prática de ensino em História da responsabilidade da Professora Ana Cristina Schade Vaz Agostinho Tocha, na Escola Secundária Quinta do Marquês.

PREVIEW

Para as minhas filhas

Maria Leonor e Mafalda Sofia

Agradecimentos

À professora Ana Tocha pela compreensão, disponibilidade e apoio.

À orientadora, Professora Raquel Henriques, pelo acompanhamento ao longo do estágio e durante a elaboração deste relatório.

Aos colegas do grupo de Geografia do Agrupamento de Escolas de Carcavelos pelo apoio e ajuda ao longo do ano letivo.

À minha família, em geral, em especial pais e irmãos, em particular, pelo seu apoio incondicional.

Ao meu marido, Pedro Carlos, sem o qual esta árdua caminhada não teria sido concluída com sucesso.

PREVIEW

Resumo

Como produto das experiências tidas no âmbito da prática de ensino supervisionada no Mestrado em Ensino de História e Geografia, que decorreu no ano letivo de 2014/2015, na Escola Secundária Quinta do Marquês, em Oeiras, surge o presente relatório que teve como principal objetivo refletir sobre o papel da música enquanto estratégia/recurso no processo de ensino e aprendizagem na disciplina de História. Considerando o que a música representa para os jovens na atualidade, procuramos através da elaboração e aplicação de inquéritos perceber a eficácia desta estratégia no ensino da História. Os resultados obtidos apontam para o facto de a música surgir como um recurso capaz de captar a atenção, permitir a contextualização histórica e motivar para o estudo.

Palavras-chave: Música, processo ensino aprendizagem, recurso/instrumento de avaliação

Abstract

This report arises as a product of the experiences we had within the supervised teaching practice in the Masters of History and Geography Teaching, held in school year 2014/2015, in the Secondary School Quinta do Pombal in Oeiras, and aimed to reflect on the role of music as a strategy/resource in the process of teaching and learning in the subject of History. Considering what music represents for today's young people, we tried, through the development and implementation of surveys, to realize the effectiveness of this strategy in the teaching of History. The results point to the fact that music emerges as a resource able to catch students' attention, allow historical contextualisation and that motivates them for the study.

Keywords: Music, teaching learning process, resource/assessment tool

Siglas utilizadas

CEF - Curso de Educação e Formação

CNO - Centro Novas Oportunidades

EFA - Educação e Formação de Adultos

DGEBS - Direção Geral do Ensino Básico e Secundário

LBSE - Lei de Bases do Sistema Educativo

NEE - Necessidades Educativas Especiais

PCA - Percorso Curricular Alternativo

RVCC - Reconhecimento, Validação e Certificação de Competências

TEIP - Território Educativo de Intervenção Prioritária

TIC - Tecnologias de Informação e Comunicação

Índice

Índice de gráficos	2
Índice de tabelas	3
Índice de anexos	4
Introdução	5
1- Percorso profissional no grupo de recrutamento 420 - Geografia	8
2- Integração e articulação da música como recurso no ensino da História	12
2.1- O Homem e a música	12
2.2- Breve análise do programa e das metas curriculares em História	16
2.3- A música como metodologia relevante no ensino da História	18
3- A música na prática de ensino supervisionada em História	22
3.1- Contextualização	22
3.2- As turmas: 9.ºB e 7.ºA	23
3.3- Conteúdos, metodologia, recursos e avaliação	23
3.3.1- Conteúdos, metodologia e recursos para o 9.ºano	24
3.3.2- Avaliação dos conteúdos abordados no 9.ºano	27
3.3.3- Conteúdos, metodologia e recursos para o 7.ºano	27
3.3.4- Avaliação dos conteúdos abordados no 7.ºano	31
3.4 – Estudo através de inquéritos	32
3.5 - Análise estatística dos resultados	34
Conclusão	46
Bibliografia	48
Anexos	54

Índice de gráficos

Gráfico nº1- Recursos usualmente utilizados na aula de História

Gráfico nº2- Disciplina de História por ordem de preferência dos alunos

Gráfico nº3- Adjetivos escolhidos pelos inquiridos que responderam "sim" e "às vezes" à questão: A música permitiu captar mais a tua atenção?

Gráfico nº4- Opinião dos alunos relativamente à forma como a música permitiu motivar para o estudo

Gráfico nº5- Música enquanto estratégia eficaz para a compreensão dos conteúdos lecionados

Gráfico nº6- Música enquanto estratégia eficaz para a compreensão dos conteúdos lecionados em função do género

Gráfico nº 7- Contributo da música para a contextualização histórica e a divisão em função do género, em percentagem

Gráfico nº 8- Percentagem de alunos, por ano de escolaridade, que considera a estratégia da música eficaz para a contextualização histórica

Índice de tabelas

Tabela nº 1- Análise dos resultados relativos ao 1.º período da turma do 9.º B

Tabela nº 2- Análise dos resultados relativos ao 3.º período da turma do 7.º A

Tabela nº3- Relação entre a música como recurso que permite captar a atenção e o género, a idade, o gosto pela disciplina de História e o ano de escolaridade

Tabela nº4- Dados relativos ao posicionamento dos alunos face à motivação para o estudo a partir da estratégia utilizada

Tabela nº5- Relação entre o facto de a estratégia da música não motivar para o estudo e o gosto pela disciplina de História

Tabela nº6- Relação entre o facto de a estratégia da música motivar para o estudo e o gosto pela disciplina de História

Tabela nº7- Relação entre música como estratégia para compreensão dos conteúdos e o sexo, a idade e o gosto pela disciplina de História

Índice de anexos

Anexo nº1- Certificado de Habilitações em Geografia	I
Anexo nº2- Registo biográfico da docente em Geografia	II
Anexo nº3- Planificações de 9.º ano de escolaridade	VI
Anexo nº4- Letras das músicas utilizadas para o 9.º ano	XIII
Anexo nº5- Guião orientador da atividade para o 9.º ano	XVII
Anexo nº6- Pósters elaborados pelos alunos	XVIII
Anexo nº7- Avaliação do 1.º período relativa ao 9.º ano de escolaridade	XXIV
Anexo nº8- Planificações de 7.º ano de escolaridade	XXV
Anexo nº9- Ficha de trabalho nº1- excerto Carmina Burana "O Fortuna"	XXXII
Anexo nº10- <i>Power point</i> sobre a cultura monástica	XXXV
Anexo nº11- <i>Power point</i> sobre a cultura cortesã	XXXVI
Anexo nº12- <i>Power point</i> sobre a cultura popular	XXXVII
Anexo nº13- Guião de trabalho de grupo sobre a cultura monástica	XXXVIII
Anexo nº14- Guião de trabalho de grupo sobre a cultura cortesã	XXXIX
Anexo nº15- Guião de trabalho de grupo sobre a cultura popular	XL
Anexo nº16- Avaliação do 3.º período relativa ao 7.º ano de escolaridade	XLI
Anexo nº17- Inquérito	XLII

Introdução

O presente relatório refere-se à Prática de Ensino Supervisionada no âmbito da disciplina de História, realizada durante o ano letivo 2014/2015, na Escola Secundária Quinta do Marquês, em Oeiras.

O interesse pela disciplina de História sempre nos acompanhou e a posterior frequência de uma pós graduação em Estudos Europeus despertou ainda mais o interesse pela disciplina.

O Mestrado no Ensino da História e da Geografia permitiu estabelecer um contacto mais estreito com a História e, simultaneamente, a Prática Supervisionada de Ensino na disciplina de História constituiu uma oportunidade de explorar a pertinência da música enquanto recurso no âmbito do processo de ensino aprendizagem.

A escolha da música como recurso didático resultou, em parte, do percurso profissional enquanto professora de Geografia. Durante o desempenho das funções docentes no âmbito do Grupo de Recrutamento 420 tivemos a oportunidade de utilizar a música como recurso didático, tendo sido possível constatar que os alunos, por via desta, se mostravam mais despertos para os conteúdos que estavam a ser trabalhados.

Esta constatação deve-se ao facto de os jovens, independentemente da classe social e económica a que pertencem, se encontrarem, na sua generalidade, muito familiarizados com a diversa produção musical. É comum, no dia a dia, encontrar jovens que a caminho da escola, nos intervalos das aulas, no regresso a casa, nas práticas de lazer utilizam os mais diversificados meios tecnológicos para ouvir todo o tipo de música. A música constitui um dos momentos fundamentais do dia dos jovens, tanto no que se refere à ocupação dos seus tempos de lazer, como no que diz respeito ao seu bem estar emocional.

A linguagem musical constitui, assim, um dos principais meios de desenvolvimento intelectual, social e emocional dos jovens na sociedade contemporânea. Constrói a rede que possibilita o estabelecimento de relações sociais e afetivas entre os jovens e, simultaneamente, afirma-se como um instrumento de

mediação entre o jovem e o mundo que o rodeia, em particular no que se refere à forma como este é percecionado e categorizado pelo jovem, ou seja, a forma como este se apropria da realidade e, consequentemente, determina a forma de integração e a consciência de si no mundo.

No que diz respeito ao processo de ensino-aprendizagem de História, a oferta musical que se adequa aos diferentes contextos históricos é abundante e variada. Esta assume um papel importante para o contexto histórico e social, pelo que se pode revelar como uma boa ferramenta no sentido de motivar e ampliar o conhecimento dos alunos sobre os períodos históricos a estudar, uma vez que procura utilizar o mesmo princípio subjacente ao elo de ligação que a música cria com o presente, aplicando-o ao passado.

Com este relatório pretende-se perceber até que ponto a música funciona como recurso no processo de ensino-aprendizagem e de que modo poderá enriquecer o ensino da História através da relação entre factos históricos e produções musicais, recorrendo à relação que o aluno tem com a música, explorando-a enquanto meio para atingir um fim.

Como ponto de partida para o percurso que nos propusemos percorrer, e sem nunca descurar o programa e as metas curriculares em vigor, pretendemos responder a uma série de questões que se assumem como os objetivos a alcançar com o tema em estudo.

- 1) Poderá a música captar a atenção dos alunos e assim motivá-los para o estudo?
- 2) Será a música um recurso que permita a compreensão dos conteúdos lecionados?
- 3) Qual o contributo da música para a contextualização histórica?

Estas são algumas das questões a que pretendemos responder e, para isso, propusemos a elaboração e a análise de inquéritos aplicados aos alunos, assim como avaliação diária em contexto de sala de aula, para, com base nesses elementos, refletir e tecer explicações significativas sobre o tema em estudo.

O presente relatório encontra-se organizado em três capítulos.

O primeiro capítulo diz respeito ao percurso profissional em Geografia, visto a qualificação profissional nesta área ter ocorrido no ano 2000. Com este capítulo pretende-se a validação das competências adquiridas desde então até à presente data.

O segundo capítulo refere-se ao enquadramento teórico do tema, a música na sua relação com o ensino da História. Pretende-se perceber a importância que a música assume na vida das pessoas e qual a sua utilidade para o desenvolvimento das sociedades. Almejamos ainda demonstrar que a música, enquanto expressão estética e cultural, espelha a conjuntura histórica em que surgiu. Visámos ainda integrar e articular a música enquanto recurso para o ensino da História, recorrendo aos documentos chave. Nesse sentido, realizaremos uma breve análise do programa e das metas curriculares em História, analisando excertos que reforcem a importância do abandono dos currículos rígidos e estimulem a variedade de recursos e instrumentos tanto no processo de ensino aprendizagem como no processo de avaliação.

Por fim, o terceiro capítulo diz respeito à prática de ensino supervisionada em História. Neste, começaremos por caracterizar a escola e as turmas atribuídas, pois parece-nos que conhecer o contexto económico e social é pertinente para a interpretação dos inquéritos aplicados. De seguida apresentaremos os conteúdos abordados durante as aulas, assim como a metodologia e os recursos utilizados. No sentido de perceber se esta estratégia foi eficaz, terminaremos o relatório com a análise estatística dos inquéritos com o intuito de responder às questões orientadoras de todo o trabalho.

1- Percurso Profissional

Licenciada em Geografia desde 1999 (cf anexo 1, p. I) e profissionalizada desde 2000, várias foram as escolas e os cargos desempenhados ao longo dos anos (cf anexo 2, pp. II-V).

O estágio decorreu na Escola E. B. 2,3 Cidade de Castelo Branco tendo duas turmas a cargo, com dois níveis distintos, e acumulando a função de secretária de Direção de Turma. O núcleo de estágio foi responsável pela dinamização do Clube Europeu e pela participação nas diversas atividades realizadas na escola, tendo tido sempre um papel muito ativo.

No ano letivo de 2000/2001 exercemos funções na escola E. B. 2,3 de Sande, em Marco de Canaveses, tendo-nos sido atribuídas as seguintes funções: Professora de Geografia (3º ciclo) e cargo de Diretora de Turma e delegada do grupo de Geografia. Fomos ainda responsáveis pela criação e dinamização do Clube do Ambiente.

Nos anos letivos 2001/2002, 2002/2003 e 2003/2004 as funções de professora de Geografia (3º ciclo e secundário) decorreram, respetivamente, nas seguintes escolas: E.B. 2,3 de Penafiel, Escola Secundária de Felgueiras e Escola Secundária Marco de Canaveses. Nestas últimas tivemos a oportunidade de lecionar o nível secundário, apresentando-se este como um desafio aliciante. Foi ainda assumido o cargo de Dinamizadora do Clube de Jornalismo.

Nos anos letivos de 2004/2005 e 2005/2006 exercemos funções na Escola Secundária Jácome Ratton, em Tomar, tendo-nos sido atribuída apenas a leção do ensino recorrente (blocos capitalizáveis para o 3º ciclo e módulos capitalizáveis e unidades capitalizáveis para o nível secundário). Foram-nos ainda atribuídos os cargos de Diretora de Turma e a função de criar e desenvolver um projeto de tutorias.

No ano letivo de 2006/2007 foram-nos atribuídas as funções de professora do 3º ciclo e, também, a primeira experiência enquanto formadora de Cidadania e Empregabilidade no âmbito dos Cursos EFA (Educação e Formação de Adultos), assim como a dinamização do Clube TIC (Tecnologias de Informação e Comunicação) na Escola E. B. 2,3 Manuel de Figueiredo, em Torres Novas.

Nos anos letivos de 2007/2008 e 2008/2009 exercemos funções na Escola Secundária Marquês de Pombal, enquanto Formadora de Cidadania e Profissionalidade em processo RVCC (Reconhecimento, Validação e Certificação de Competências) e cursos EFA (nível secundário) e formadora de Cidadania e Empregabilidade em processo RVCC e em cursos EFA (nível básico). Foi possível ainda exercer esta mesma função no Centro Protocolar da Indústria Eletrónica (CINEL), um centro protocolar do Instituto de Emprego e Formação Profissional. Ocupávamos ainda, na escola, o cargo de coordenação do Clube "Espaço Europeu".

No ano letivo 2009/2010 lecionámos numa escola TEIP (Território Educativo de Intervenção Prioritária), Agrupamento Vertical de Escolas de Sande, em Marco de Canaveses, tendo desempenhado as funções de professora para o 3º ciclo, formadora na área de Cidadania e Mundo Atual, no âmbito dos cursos CEF (Curso de Educação e Formação), de Diretora de Turma e dinamizadora do Clube Europeu.

Nos anos letivos de 2010/2011 e 2011/2012 voltámos a lecionar na Escola Secundária Marquês de Pombal o currículo de Cidadania e Profissionalidade em processo RVCC e em EFA (nível secundário) e o currículo de Cidadania e Empregabilidade em processo RVCC e em EFA (nível básico) e o currículo de Cidadania e Mundo Atual. Foi-nos dada ainda a possibilidade de lecionar a disciplina de Área de Integração dos Cursos Profissionais (nível secundário). Ainda durante o ano letivo 2011/2012 foi possível lecionar na Escola Profissional Almirante Reis (EPAR) a disciplina de Geografia no âmbito do Curso Profissional de Turismo.

No ano letivo de 2012/2013, exercemos a função de professora para o 3º ciclo assim como o cargo de delegada de grupo de Geografia no Agrupamento de Escolas do Restelo. Dinamizámos também o projeto "Parlamento dos Jovens".

No ano letivo de 2013/2014, pelo facto da colocação ter sido em horário incompleto, lecionámos em duas escolas públicas: Agrupamento de Escolas de Queluz - Belas e, mais tarde, em regime de acumulação, na Escola Secundária Maria Amália Vaz de Carvalho. Nestas escolas lecionámos o nível básico e secundário e assumimos também o cargo de Diretora de Turma.

O Agrupamento de Escolas de Carcavelos foi a escola de colocação no ano letivo de 2014/2015. Aqui lecionámos turmas de 7.º e 9.º anos de escolaridade (Geografia 3º ciclo) e ainda uma turma de 9.ºano PCA (percurso curricular alternativo).

Ao longo de todo o percurso profissional, enquanto professora de Geografia, houve sempre a preocupação de preparar e organizar as atividades letivas produzindo e adaptando às diferentes turmas e diferentes alunos as diversas planificações, nunca descurando o cumprimento do programa para os vários níveis e cursos.

Sempre que se verificou a necessidade de elaborar os instrumentos e recursos, como no caso dos cursos EFA, CEF e Profissionais, em que não existiam manuais nos quais nos pudéssemos apoiar, recorremos à internet, a manuais escolares de várias áreas, a filmes, peças musicais, documentos chave, entre outros, de forma a criar os materiais usados nas aulas.

Tivemos sempre, no desempenho das funções docentes, a preocupação constante de conhecer os alunos, detetar necessidades, interesses e aptidões dos mesmos, de modo a que a avaliação refletisse sempre, de forma mais aproximada possível, as capacidades desenvolvidas e conhecimentos adquiridos.

Ao longo da prática letiva houve a preocupação de explorar as questões pertinentes formuladas pelos alunos procurando, sempre que possível, relacionar os conteúdos programáticos a lecionar com certas situações/ problemas da atualidade, no sentido de enriquecer a própria aula e motivar os discentes.

O bom comportamento e a disciplina na sala de aula são essenciais para levar a bom porto o processo de ensino-aprendizagem e, nesse sentido, existe a preocupação de conversar (individualmente e/ ou em grupo) com os alunos, no sentido de modificar alguns comportamentos perturbadores do bom funcionamento das aulas. Consideramos, portanto, que estabelecer uma boa relação pedagógica com os alunos é imprescindível para o sucesso no processo de ensino aprendizagem.

No desempenho dos diversos cargos atribuídos ao longo dos anos de experiência profissional, registou-se a preocupação de conhecer os projetos educativos das escolas, assim como a legislação em vigor, para que o cumprimento dos mesmos acontecesse de forma eficaz. Especificamente no desempenho do cargo de

Diretora de Turma houve sempre a preocupação de estabelecer a "ponte" entre os educandos e os Encarregados de Educação, procurando conhecer cada um dos alunos no sentido de os poder apoiar da forma mais pertinente possível.

Enquanto elemento da comunidade escolar procurámos sempre participar nas reuniões de departamento, reuniões de Conselho de Turma, reuniões convocadas pela Direção, bem como cooperar, sempre que solicitado, com as estruturas de orientação educativa e com os órgãos de gestão, no sentido de contribuir para a eficácia relativa ao funcionamento da escola.

Na relação estabelecida com a comunidade escolar consideramos que a cordialidade e educação com todos os elementos que a constituem é imprescindível. A integração nas diferentes escolas não se revelou difícil, existindo da nossa parte a preocupação de atuar com assertividade nos diferentes contextos profissionais, assumindo para com estes sentido de pertença e de lealdade.

2- Integração e articulação da música como recurso no ensino da História

2.1- O Homem e a música

"O que é a música? Para muitos "música" significa exclusivamente os grandes mestres - Beethoven, Debussy e Mozart. Para outros, "música" é BustaRhymes, Dr. Dre ou Moby" (Levitin, 2007, 21) e, segundo o mesmo autor, o que para uns é música para outros é apenas um conjunto de sons que pode mesmo ser desagradável. Inegável é que a música, tal com as outras artes, acompanha a história da humanidade.

O que levou a que o Homem inventasse a música, ou mesmo, tentasse perceber de que forma a música espelha o que sente a alma, são questões que "faz o homem há milhares de anos, no fundo há tantos anos quantos os que decorreram desde que a humanidade se achou na posse da arte dos sons" (Herzfeld, 1954, 9), e permanecem atuais e pertinentes.

Perante o desafio que representam, há aqueles que defendem que através da associação da neurociência à psicologia, aliada às técnicas de imagiologia cerebral e às substâncias capazes de manipular os neurotransmissores, poderemos compreender "o que é a música, e de onde provém e assim seremos capazes de compreender melhor as nossas motivações, medos, desejos, memórias e, inclusive, a comunicação em sentido lato" (Levitin, 2007, 20). Importa portanto perceber "o que a música nos pode ensinar acerca do cérebro, do que o cérebro nos pode ensinar acerca da música e do que ambos nos podem ensinar sobre nós próprios" (*Ibidem*).

Por outro lado, a importância que nós e também vários autores, já citados, atribuem à música, não é consensual e, para alguns, a música é mesmo considerada fútil.

No que diz respeito às causas e efeitos biológicos, a música é inútil. Não mostra sinais de se preparar para atingir um objetivo, como o de ter uma vida longa, netos ou a percepção ou previsão exatas do mundo. Ao contrário da linguagem, da visão, da

ponderação social e dos conhecimentos físicos, a música poderia desaparecer da espécie pois o nosso estilo de vida permaneceria praticamente inalterado" (Pinker, citado por Levitin, 2007, 255).

Na opinião de Pinker a música pode ser encarada como uma refeição auditiva rica e nutritiva ou como um *cheesecake* que estimula o palato (Pinker, citado por Levitin, 2007, 254). Esta opinião, apesar de bastante controversa, não deixa de merecer destaque, pois provocou um abalo na comunidade científica que se dedica ao estudo desta temática e não faltaram argumentos procurando rebater a tese de Pinker.

Perante opiniões tão diferentes, o desafio de perceber a importância que a música assume na história da humanidade é cada vez maior, assim como saber se a sua aplicação ao ensino de determinados temas e matérias é, de facto, uma mais valia.

Por esse motivo, tornou-se premente a procura sistemática de respostas no sentido de perceber a relação entre o homem e a música.

Pahlen defende que a música "não necessita do ser humano para nascer, para ser. Contudo, para ser percebida, não prescinde dos órgãos e sentidos de alguma coisa viva, pois ela própria é algo vivo" (Pahlen, 1993, 13). Isto é, os sons existem e, só por si, são música. A existência da música precede a sua percepção.

Por outro lado, para Herzfeld, a ligação do homem à música é de tal forma relevante que: "O homem traduz os sentimentos com a música. A música é, pois, mais do que som: é tradução de sentimentos humanos" (Herzfeld, 1954, 9). Assim, a música é sentido, significado, sentimento de uma percepção singular de um ser em si e para si. Esta transforma ruído, som, em linhas melódicas e harmónicas que expressam sentimentos e procuram tanto transmitir como provocar emoções. Os sons já existiam mas não eram, por si só, música. A música é significado e sentido atribuídos pelo ser humano na emoção e sentimento gerados pela consciência de si, do mundo e de si no mundo.

No mesmo sentido, há ainda outros autores que afirmam que a música faz parte integrante da sociedade e da cultura nos diferentes momentos históricos e acreditamos que a música espelha a conjuntura histórica, económica e social em que

surgiu, podendo equiparar-se a qualquer outra forma de expressão cultural e estética. Esta opinião é corroborada por Ribeiro:

A música não está isolada nem fechada em si mesma e não é nem pode ser autónoma. É, antes, parte de um complexo fenómeno cultural e social. Ela insere-se de facto no domínio das expressões mas também, talvez principalmente, no domínio da comunicação (Ribeiro, 2003, 78)

Podemos então afirmar que a música é relevante para o conhecimento do homem e da sociedade em que está integrado, no sentido em que é importante para a evolução dessa mesma sociedade, na medida em que "contribui para a construção social da realidade através de produtos, práticas e ideias, remetendo-nos para determinados mundos, marcando determinadas épocas e caracterizando determinados espaços territoriais" (Vasconcelos, 2007,12).

A pertinência da música é largamente reconhecida, daí lhe ser declarado o poder de suscitar emoções. Exemplos são as estratégias de *marketing* das grandes cadeias de supermercados, que colocam música mais calma nas horas "mortas" do dia, mães que recorrem a melodias para acalmar os filhos quando choram ou para os adormecer, publicitários que se socorrem da música para vender um refrigerante ou um carro e assim nos parecerem mais atraentes. Os realizadores de cinema exploram a música para "manipular as nossas emoções" (Levitin, 2007, 18) e estimular no espetador sentimentos que de outra forma poderiam parecer ambíguos. A música é então usada em vários contextos e para atingir diversos fins.

No que ao desenvolvimento cognitivo das crianças diz respeito, estudos recentes revelam que a interação com a música desenvolve o córtex cerebral e, dessa forma, influencia ações cognitivas que permitem uma atuação semelhante noutros contextos que exijam um processo cognitivo parecido. Segundo Helena Rodrigues¹ "o desenvolvimento cognitivo não existe sem desenvolvimento sensorial e sem desenvolvimento motor. A música apresenta um forte potencial em termos de estimulação a este nível". Esta mesma investigadora lamenta, no caso português, o

¹Helena Rodrigues, professora da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e especialista em psicologia da música, in Simpósio «Music, Poetry and the Brain», disponível em <http://www.cienciahoje.pt/index.php?oid=57424&op=all>, acedido em 14/06/2015.

pouco investimento que é feito neste âmbito, em termos educativos e sociais, referindo ainda que " uma cuidada educação musical nos primeiros anos de vida pode ser um factor extremamente relevante para a promoção do sucesso educativo e do bem-estar social" (*ibidem*). Esta permite explorar o conhecimento de si próprio assim como a construção da personalidade.

A mesma opinião é partilhada por Hofmann. Este afirma ainda que, "ouvir música, mover-se ao seu som e fazer música são experiências vitais que permitem às crianças expressar-se e participar nos rituais das suas comunidades" (Hofmann, 1997, 656), reforçando assim o papel da música enquanto elemento integrador na sociedade. O contacto constante com a música estimula o interesse pelas artes e pela cultura, elementos essenciais para o desenvolvimento das sociedades, na medida em que as experiências de vida do indivíduo influenciam a sua ação.

Quando pensamos nos adolescentes, e nas características psicológicas e sociais desta faixa etária, confrontamo-nos com inúmeras alterações que requerem por parte do indivíduo adaptação quer ao nível psicológico, quer físico. Vinca-se nesta fase da vida a necessidade de afirmação no seu grupo de pares, copiando comportamentos e formas de estar que lhe permitam uma maior integração. Serve ainda como identificação com o grupo, servindo a música como elo de ligação para um sentido de pertença comum.

É nesta fase da vida que a música assume especial relevância, chegando o adolescente mesmo a espelhar os reflexos emocionais e mentais presentes nas letras das músicas.

O número de horas de música que os adolescentes ouvem por dia é já considerável, e todos os mecanismos disponíveis potenciam a utilização a uma escala ainda maior. Ao professor são colocados vários desafios em contexto de sala de aula, e o uso do telemóvel e dos *headphones*, ainda que escondidos, são alguns deles. Parece-nos pois que tirar proveito deste recurso e da familiaridade que existe entre o adolescente e a música se revela cada vez mais pertinente, na medida em que pode despertar o interesse pelo conhecimento e tornar os alunos mais recetivos às matérias, mais concentrados e mais empenhados.

2.2- Breve análise do programa e das metas curriculares em História

Em Portugal, a Lei nº46/86 de 14 de outubro definia a Lei de Bases do Sistema Educativo (LBSE) e pretendia também regulamentar e concretizar a organização curricular dos ensinos básico e secundário. Assim, podemos dizer que Portugal tem um currículo nacional que determina quais as disciplinas que vigoram assim como os conteúdos que devem ser abordados em cada uma delas.

A reforma curricular de 1991, através do Despacho nº 124/ME/91 definiu o programa para o ensino da História para o 3º ciclo do Ensino Básico, que ainda se mantém em vigor.

Uma década mais tarde, procedeu-se, através do Dec. Lei 6/2001 de 18 de janeiro, a uma reorganização do currículo do ensino básico, mantendo os conteúdos anteriormente lecionados mas adotando o conceito de gestão flexível do currículo. À data existia a necessidade de ultrapassar a visão que se tinha do currículo, isto é, deixar de encarar o currículo, tal como refere o Dec. Lei 6/2001, como "um conjunto de normas a cumprir de forma uniforme em todas as salas de aula, apoiado, pela autonomia crescente das escolas." O desenvolvimento do currículo passou a privilegiar as aprendizagens e competências, integrando conhecimentos, capacidades, atitudes e valores que os alunos deveriam desenvolver até ao final de cada ciclo de ensino. Nesta proposta os professores passariam a ter mais liberdade, mas também mais responsabilidade na implementação do currículo, podendo decidir a forma de implementação do mesmo com vista a maximizar a aquisição de aprendizagens e o desenvolvimento das competências até ao final de ciclo.

O "Currículo Nacional do Ensino básico - competências essenciais", divulgado em 2001, e tido como referência do currículo do ensino básico, foi revogado através do despacho nº17169/2011, uma vez que, segundo este, "continha uma série de insuficiências que na altura foram debatidas, mas não ultrapassadas, e que, ao longo dos anos, se vieram a revelar questionáveis ou mesmo prejudiciais na orientação do ensino." As principais críticas incidiam sobre a centralização do processo de ensino-

aprendizagem nas competências, referindo que desta forma se menosprezava o papel do conhecimento, da aquisição da informação, da memorização, e na inserção de objetivos vagos e difíceis de aferir.

Através do Despacho n.º 5122/2013 foram homologadas as metas curriculares para o 7.º e 8.º anos de escolaridade e, mais tarde, para o 9.º ano através do Despacho nº110-A/2014.

O abandono dos currículos rígidos, lecionados de igual modo em todos os estabelecimentos de ensino foi uma preocupação para os mentores do projeto. Nesse sentido, o despacho normativo nº13-A/2012 reforçou a autonomia das escolas com vista à promoção do sucesso escolar e, desta forma, reforçou também a viabilidade das metas curriculares. Assim, a alteração mais recente é a portaria nº44/2014 de 20 de fevereiro que, embora diga respeito apenas às escolas com contrato de autonomia, apresenta, sem dúvida, grandes desafios e alterações significativas ao nível da gestão flexível do currículo, na medida em que, entre outros aspetos (ponto 5 do artigo 4º) pode decidir o número de tempos letivos a atribuir a cada disciplina ou área disciplinar, assim como pode mesmo oferecer outras disciplinas em função do projeto educativo definido para a escola. Estas alterações, aplicadas apenas, por enquanto, às escolas com contrato de autonomia, levam-nos a refletir sobre a importância a atribuir às ciências sociais e humanas e à valorização que a sociedade atribui a estas áreas do saber, nomeadamente à História e à Geografia.

As metas curriculares, à semelhança do que acontece em outros países da OCDE, pretendem um novo rumo para o ensino, estabelecendo objetivos claros em termos do conhecimento. O Despacho nº10874/2012 identifica-as como "a aprendizagem essencial a realizar pelos alunos em cada disciplina, por ano de escolaridade ou, quando isso se justifique, por ciclo, realçando o que dos programas deve ser objeto primordial de ensino."

Desta forma, houve a necessidade de se proceder a uma leitura atualizada dos programas e aproveitar a possibilidade legal de recorrer a uma maior flexibilização do currículo, de forma a que os alunos tivessem maior oportunidade de compreensão da informação. No documento de apoio às metas curriculares de História (3º ciclo), os autores referem que as metas não sugerem estratégias nem impõem modelos de aula,

mas apresentam algumas sugestões para a concretização eficiente das metas curriculares. Chamam a atenção dos professores para que em todos os momentos do processo de ensino aprendizagem estes nunca negligenciem a importância de desenvolver nos alunos as capacidades transversais do 3º ciclo. Reforçam a autonomia do professor podendo, sempre que o entender, alterar a ordem de leção de conteúdos. Cabe ainda ao professor, ou ao grupo disciplinar, a seleção de conteúdos a serem abordados no ensino básico. Apela ao uso de estratégias e recursos o mais diversificados e adequados possível, respeitando o nível etário assim como o contexto social e enquadramento regional dos alunos. Perante tal desafio, abordar e explorar a música enquanto metodologia pareceu-nos extremamente pertinente e ajustado.

2.3- A música como metodologia relevante no ensino da História

Segundo a LBSE, "A educação promove o desenvolvimento do espírito democrático e pluralista, respeitador dos outros e das suas ideias, aberto ao diálogo e à livre troca de opiniões, formando cidadãos capazes de julgarem com espírito crítico e criativo o meio social em que se integram e de se empenharem na sua transformação progressiva." (Lei 46/86 de 14 de outubro, art.2º 5) para assim agirem com respeito, tolerância e espírito de entre ajuda na sociedade em que estão integrados, sendo que esta se apresenta cada vez mais pluralista e diversificada e assim o desafio das interações é cada vez maior.

É reforçado este objetivo no documento "Organização curricular e programas", quando é referido que "As finalidades apresentadas procuram contemplar os diversos aspetos da formação do indivíduo, conciliando o saber e o saber-fazer com a estruturação de um sistema de valores que se traduza em atitudes de autonomia e tolerância, necessárias à intervenção democrática na sociedade" (DGEBS, 1991, vol.I, 122).